

LEONARDO: A Representação do Malandro no Romance Memórias de Um Sargento de Milícias

LEONARDO: The Representation of Roguish in Romance Memórias de Um Sargento de Milícias

Amanda Ferreira Naves¹
Maria de Fátima Pereira da Silva Lima²
Carlos Andrade Faria Filho³ (UNIFAN)

Resumo: O presente artigo busca apresentar algumas considerações sobre a figura do malandro na obra *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852-1853), de Manuel Antônio de Almeida, com a finalidade de analisar a personagem principal da obra, Leonardo. Sendo o enfoque nos estudos da Literatura Brasileira fazendo um paralelo com os romances picarescos, tendo como principais referenciais teóricos: Botoso (2010 - 2011), Candido (1970), Gonzalez (1994), Veríssimo (2002) entre outros, a pesquisa analisa se a personagem é um herói ou anti-herói, a sua origem baseando-se e comparando-o com o pícaro posicionando-o como malandro. Trata-se de um típico romance malandro brasileiro.

Palavras-Chave: Malandro. Anti-herói. Literatura brasileira.

Abstract: *This paper aims to present some considerations about the roguish figure present in the book *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852-1853) from Manuel Antônio de Almeida. It intends to take a deep look at its main character Leonardo, his story and origin analysing if he is a hero or an anti hero. Based on *Picarus*, the article also tries to proof that Leonardo is a street smart guy having as theoretic references Botoso (2010-2011), Candido (1970), González (1994), Veríssimo (2002) and others.*

Keywords: *Roguish. Anti hero. Brazilian literature.*

Introdução

Manuel Antônio de Almeida escreve aos 21 anos de idade a obra *Memórias de um sargento de milícias*, de 1852, seu único romance, que é considerado uma preciosidade literária, escrito no período do romantismo, retrata a vida do Rio de Janeiro no início do

¹ Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (FABEC). Graduada em Letras/Português, Inglês e suas respectivas Literaturas pela Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN). Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras (FACEL). E-mail: amandanaves2@gmail.com

² Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (FABEC). Graduada em Letras pela Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN). Graduada em Pedagogia pela Fundação Antares de Ensino Superior (FAESPE). E-mail: fatima_unifan@hotmail.com

³ Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor de Literatura da Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN). E-mail: carlos@unifan.edu.br

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

século XIX e desenvolve pela primeira vez na Literatura Nacional a figura do malandro, considerado assim por sua postura e atitudes tomadas durante a obra.

A obra surgiu como um romance de folhetim, no suplemento dominical Pacotilha do Jornal Correio Mercantil do Rio de Janeiro, ou seja, em capítulos publicados semanalmente. Os capítulos apareceram sem autoria e, em seguida, saiu à edição em livro, em dois volumes, sendo o primeiro em 1854 e o segundo em 1855 e a autoria atribuída a “Um Brasileiro”. Esse pseudônimo tinha dois propósitos: manter o anonimato do autor e esclarecer que não se tratava de um estrangeiro, pois era comum em suplementos literários daquela época publicações de traduções.

A obra foi reeditada nas décadas de 1860 e 1870 com o intuito de atrair novamente o público, mas, o reconhecimento do valor da obra para literatura nacional revelou-se depois de inúmeras discussões e a leitura dos críticos no final do século XIX e de todo século XX. Portanto, a crítica considera que a obra é uma produção que valoriza e torna pública a cultura brasileira, com isso, algumas classificações foram levantadas como: romance de costumes, precursora do realismo literário, antecipadora do modernismo, filiada à novela picaresca espanhola, traços do romance histórico do romantismo ou presa à tradição popular brasileira. Afirma Veríssimo (1954) que ficaria embaraçado se houvesse de classificar este romance em uma das escolas em que se dividem as concepções e as maneiras literárias.

Desse modo, críticos como José Veríssimo, Mário de Andrade, Antônio Cândido entre outros, indicam na obra uma provável identidade do malandro brasileiro. A dialética da ordem e da desordem e identidade pessoal e nacional é bem rica na obra, através das Memórias trazem o dinamismo do histórico e reconhecem a veia documental presente da narrativa a cerca de alguns aspectos do tempo do rei, como dito anteriormente a história se passa no começo do século XIX, ocasião em que a família real portuguesa se refugiou no Brasil. Por isso, o romance tem início com a expressão “Era no tempo do rei”, referindo-se ao rei português Dom João VI. O romance *Memórias de um sargento de milícias* apresenta à conformidade com os costumes e comportamentos, lugares e personagens da época com destaque a figura do malandro narrados brilhantemente por Manuel Antônio de Almeida.

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

Como Relacionar a Personagem Principal com Heróis Picarescos?

Os heróis pícaros tem sua origem no romance picaresco que é uma modalidade literária, que abrange obras escritas na Espanha em meados do XVI e XVII, sendo as principais: Lazarillo de Tormes (1554), Guzmán de Alfarache (1599-1604) e El Buscón (1626), que constituem o núcleo da picaresca clássica espanhola, tendo como eixo principal o pícaro.

No ano de 1970, o autor Antônio Candido faz uma interpretação da obra *Memórias de um Sargento de Milícias* e redefine a maneira como o romance era absorvido, com isso instaura a *Dialética da Malandragem* que procura refutar a tese de que a obra possa ser filiada à picaresca espanhola, portanto o crítico acaba identificando uma nova linha teórico-literário brasileiro: o romance malandro, ou seja, Manuel Antônio de Almeida ao criar Leonardo, estaria criando o primeiro personagem malandro da literatura nacional. Nesse sentido, para relacionar a personagem com heróis picarescos é imprescindível falar um pouco sobre o conceito de pícaro. Segundo o dicionário Houaiss, o pícaro é “esperto – trapaceiro – libertino”, todas as atribuições que veremos mais a frente pertencente ao personagem Leonardo, tema desta pesquisa. Apesar de Leonardo ter todas estas atribuições ele não é um herói picaresco, mas é possível relacioná-lo com os mesmos. Cândido (1970) fala sobre isto:

Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca do seu tempo, no Brasil. Malandro que seria elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em Macunaíma. (p. 71).

O pícaro é qualificado como um personagem de condição social humilde, sem ocupação certa, vivendo de expedientes, ele sobe na vida passando por cima das outras pessoas. Leonardo não é o pícaro saído desta tradição espanhola, mas tem relações com o mesmo, uma vez que suas características são muito similares. De acordo com Barbosa e Rodrigues (2000):

O nome da personagem principal, Pícaro, segundo teoria de Covarrubias, vem de Picardia, região da França, onde proliferam vagabundos e aventureiros, muitos dos quais passaram para a Espanha. Outros acreditam que deriva de “picar” (tomar daqui e dali), a que estavam acostumados os ajudantes de cozinha [...] (p. 52).

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

A personagem Leonardo tem algumas dessas atribuições, mas sempre com astúcia sem a intenção de prejudicar ninguém. Na realidade ele não é o pícaro, pois segundo Cândido na *dialética da malandragem* ele, “nada aprende com a experiência” (1970, p. 23). O protagonista sempre está metido em algum tipo de confusão e nunca aprende com as suas experiências. Mesmo ao nascer já começaram os infortúnios. Segundo Almeida (1997):

Digamos unicamente que durante todo esse tempo o menino não desmentiu aquilo que anunciara desde que nasceu: atormentava a vizinhança com um choro sempre em oitava alta [...] logo que pôde andar e falar tornou-se um flagelo; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha a mão (p. 16).

Em determinada parte da obra, com a personagem já rapazote, veio a primeira noite fora de casa, ele consegue com suas travessuras encabular a todos que o cerca.

A desculpa para as travessuras da personagem não pode ser a realidade da vida, pois apesar do garoto ter nascido e ter sido deixado pelos pais, logo cedo tem o padrinho e a madrinha que o recebe muito bem e acolhe com todo o carinho, o que podemos notar é que ele é malandro e desde cedo já se mostra assim; a personagem não aprende as artimanhas para sua própria sobrevivência como é característica do pícaro, ele é malandro criado e não o faz com intenção de prejudicar. Seguindo estas características fica claro que a personagem não é o pícaro. Como ressaltam os autores:

O contato com a realidade dura e cruel é que faz do pícaro um personagem revoltado, e o leva a aprender malandragens para sobreviver. Leonardo tem de tudo, todos o protege, logo ele não tem razão para ser como é, a não ser uma razão interna, uma falha congênita do seu caráter. (MILHOMEM; SANTANA; LEMES, 2010, p. 27).

As atribuições para um pícaro nascido da tradição espanhola é a figura de um bom moço que se transforma de acordo com as circunstâncias da vida, ele aprende as picardias para a sua sobrevivência. Não é possível concluir que a obra seja um romance picaresco, porém, há algumas semelhanças do Leonardo com os heróis picarescos, dentre elas a boemia, a facilidade que ele se apaixona por diversas mulheres na obra é traço do pícaro. O protagonista é a figura perfeita do homem popular com suas inconstâncias e o famoso “jeitinho Brasileiro”.

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

Tanto o pícaro quanto Leonardo tem origem humilde, porém o termo pícaro remete a servo, ou seja, sempre é escravo, diferente de Leonardo que longe disto, é criado pelo padrinho que planeja para ele uma carreira bem-posta na sociedade. A personagem é largada, mas não abandonado como os pícaros, Cândido fala sobre isto em seu estudo “Ainda como ele é largado no mundo, mas não abandonado, como foram Lazarillo ou o Buscón, de Quevedo: ao contrário, mal os pais o deixam o destino lhe dá um pai melhor na pessoa do compadre [...]” (1970, p. 69). A certeza que a posição do Leonardo é humilde, mas a do pícaro é desprivilegiada, pois é quase como se fosse escravo. De acordo com os autores:

O pícaro espanhol é normalmente, um ser servil, vez que desempenha atividades inferiores. Assim, sendo servo, passando de amo a amo o pícaro vai se moldando, adquirindo novos caracteres, vendo a sociedade de um todo, e aprendendo, com ela, as malandragens, os caminhos e os meios para nela se viver bem. (MILHOMEM; SANTANA; LEMES, 2010, p. 27).

Ambos têm origens semelhantes, entretanto cada um com as suas características particulares e isto que tira Leonardo da posição de pícaro. Personagens picarescos não tem a sorte de Leonardo eles vivem à mercê da sociedade.

Leonardo é um personagem irregular, pois nasce “de uma pisadela e de um beliscão”, no primeiro capítulo Leonardo nasce após sete meses, gordo e cabeludo, isto levanta muita suspeita de que Maria poderia estar grávida antes de conhecer Leonardo pai. Como o pícaro, Leonardo é deixado por seus pais ainda criança, mas não abandonado, pois não ficou completamente órfão, ficou com seus padrinhos.

Leonardo não selecionava bem suas companhias, no decorrer da obra percebe-se que sempre é atraído pela companhia das piores pessoas, não é bom, mas também não é ruim, é sempre irregular. Ora ama, ora não ama, isto fica claro no decorrer da obra, ora ama Luisinha, ora ama Vidinha. Assim como alguns personagens picarescos ele é irregular, vale ressaltar que sua vida está sempre cheia de acontecimentos diferentes e em constante modificação.

Personagens pícaros são em sua maioria sempre amáveis e risonhos apesar da vida dura e de inúmeras atividades atribuídas a sua condição social, e isto aproxima a personagem Leonardo dos mesmos. Na obra Leonardo pratica suas malandragens, mas nunca intencionalmente, ele não se mostra mal, somente faz as malandragens para alcançar seus

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

objetivos, o autor quis mostrar imparcialmente os costumes da época, o que mostra é a questão do malandro sempre se dando bem, às vezes sem a intenção. Apesar de não gostar do trabalho, da vida dura, pois o malandro sempre sai com vantagem em tudo que faz, este fato se faz notório ao final da obra quando a personagem além de se casar com a mulher que gosta, consegue se tornar herdeiro de grande fortuna, assemelhando-se com o pícaro a sua astúcia, seu jeito amável e risonho, pois para ele a vida era sempre “aventura”, vivia a mercê de suas malandragens. Conforme Botoso (2011):

[...] concordamos com ele no que diz respeito ao fato de Leonardo não ser um pícaro. Entretanto, este personagem pode ser aproximado aos pícaros espanhóis, cujas armas principais no relacionamento com a sociedade são a astúcia e a imobilidade. Ele rejeita o trabalho. Seu percurso na obra também é marcado, em algumas partes, pela itinerância, embora essa se restrinja apenas ao Rio de Janeiro. (p. 130).

Contudo, apesar de assemelhar-se com o pícaro, é fato que também possui diferenças, a personagem é um malandro e como tal tem suas irregularidades, podendo assemelhar-se em alguns momentos e diferir-se em outros.

Romance Malandro

Em relação à obra, Antônio Cândido em *Dialética da malandragem* afirma que não deve ser intitulada como um romance picaresco, devendo ser considerada como a obra do primeiro malandro da literatura nacional. Nesse sentido Cândido (1978) exemplifica:

[...] o próprio pícaro narra as suas aventuras, o que fecha a visão da realidade em torno do seu ângulo restrito; e esta voz na primeira pessoa é um dos encantos para o leitor, transmitindo uma falsa candura que o autor cria habilmente e já é recurso psicológico de caracterização. (p. 319).

A obra de Manuel é escrita em terceira pessoa com um narrador onisciente, e as obras que compõem o núcleo da picaresca clássica foi escrito em primeira pessoa. Para Montello (1997) Leonardo é caracterizado como pícaro saído da tradição espanhola, sua caracterização do anti-herói é semelhante ao do pícaro clássico, lógico, sofrendo alterações por conta do sistema literário brasileiro. Mas, para Cândido (1978, p. 319), a diferença entre os pícaros e Leonardo é que “lhe falta um traço básico do pícaro: o choque áspero com a

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

realidade, que leva à mentira, à dissimulação, ao roubo, e constitui a maior desculpa das picardias”. Realmente Leonardo não teve o choque com a realidade, pois sua vida é mais fácil, seu padrinho proporciona uma vida boa cheia de carinho e educação, tornando um pai melhor que o seu biológico, mesmo assim, Leonardo torna-se um adulto problemático, cometendo suas traquinagens para alcançar seus objetivos.

A obra é pertencente ao gênero romance, que é uma narrativa longa que teve seu ápice por volta do século XIX quando refletia sobre a sociedade burguesa da época. Teve seu surgimento na era moderna mundial, portanto, a representação da sociedade da época na obra sem a figura dos heróis, mas o retrato do povo reafirma a caracterização do gênero. A obra distância do romance histórico tradicional à medida que se aproxima dos romances modernos, pois não há descrição de grandes feitos de uma nação e não se constroem heróis. Ao invés da cultura portuguesa e europeia a narrativa dá lugar à presença de massa anônima, formados por pessoas pobres, populares e suburbanas. Manuel Antônio optou pelo enredo histórico dos primeiros anos do século XIX, colocando em cena uma classe, ainda, desprivilegiada da história e das páginas literárias. O romancista apresenta personagens pouco recorrentes da historiografia literária romântica, como prostitutas, comadres, parteiras, barbeiros, professores e meirinhos. Manuel Antônio de Almeida evidência outra realidade nacional, quando rompe com o romance consagrado pelos leitores da época, em que a literatura era idealizante, formada por encontros amorosos vividos entre uma delicada heroína e um bravo herói.

Memórias de um sargento de milícias foge de algumas características românticas como o sentimentalismo e a exaltação do herói (idealizado), das descrições dos personagens e falseamento da realidade, com a falta dessas características aproximou a obra da escola literária que surgiu no Brasil na metade do século XVIII para negar o Romantismo: o Realismo. Porém há ainda na obra de Almeida, elementos que convergem para a construção literária romântica como: a busca do passado, o regionalismo no aproveitamento das falas e expressões populares. Sendo assim, não é um romance romântico ou romance realista, mas um romance de transição entre essas duas escolas. O tempo é cronológico, e a importância disso é marcar a evolução dos fatos na vida "picaresca" de Leonardinho, se desenvolve através de fatos acontecidos no passado, por isso o título ‘Memórias’.

Na narrativa as personagens estão em constante transformação, há dois planos opostos pela quais transitam. Nessa perspectiva Antônio Cândido cita a dialética da ordem e

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

desordem, que é recorrente na obra, temos Leonardo, que está inserindo do plano da desordem por sua condição de protagonista diferente dos heróis presentes nos romances da época, que com sua esperteza desde a infância torna-se o destaque da trama, contudo continua sendo uma vítima das adversidades. Outro personagem que transita nesses planos é o Padre que pertence à ordem, pois é um representante da igreja, mas pratica ações que o leva a desordem quando tem relações com a cigana.

Nesse contexto, percebemos que Leonardo esteve localizado entre esses dois planos, tal fato implica que ele não é malandro pertencente à desordem, também não pode pertencer à ordem, considerando que a obra reflete características típicas da sociedade brasileira e seus personagens refletem certa verossimilhança diante do leitor.

Afinal, Leonardo é Herói ou Anti-herói?

Até este ponto da pesquisa fica claro que Leonardinho é um malandro, e como tal, fazendo jus deste título, conquista a afinidade de todos, no final casa-se com Luisinha e torna-se bem de vida ao receber as heranças. A personagem não é herói e nem anti-herói, mas o primeiro malandro, segundo a teoria de Antônio Cândido. Para tal análise em primeiro plano usaremos a definição dos termos: herói e anti-herói. Um herói é aquele que se distingue por seus atos de bravura, destaca-se no meio de todos, é nobre, possui bons sentimentos, se distinguiram por seus feitos brilhantes durante as guerras, gosta de aventuras e todos o adoram, como Ulisses, herói da Guerra de Troia. Ressaltando que o herói passou por transições, o herói da epopeia é substituído pelo herói 'problemático', com isso, a figura do herói fica mais próxima do real, sendo relacionada com o cotidiano afastando da perfeição e colocando como humano. O Leonardo já não se enquadra neste padrão, apesar de todos gostarem dele e conquistar a atenção dos que o cercam, não é um herói, mesmo tendo algumas características do herói moderno.

Descartamos a ideia de considerá-lo herói, vejamos abaixo o que vem a ser um anti-herói e se assim é possível considerá-lo como um, na verdade esta questão torna-se um tanto quanto complexa, uma vez que outras teorias afirmam que a personagem é um anti-herói. Segundo Massaud Moisés (2004):

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

O anti-herói não se define como personagem que necessariamente carrega defeitos ou taras, ou comete delitos e crime, mas como a que possui debilidade ou indiferenciada de caráter, a ponto de assemelhar-se a muita gente. É “o homem sem qualidades”, do romance homônimo de Robert Musel, [...] “o herói sem nenhum caráter” da rapsódia de Mário de Andrade [...] sem as qualidades ou o caráter do herói clássico, embora possua outras qualidades mais terra-a-terra. (p. 28).

As opiniões dividem-se, pois, Leonardo tem características dos dois termos, com isso é considerado por alguns críticos como herói (problemático), para outros, anti-herói, porquanto ele é descrito como um moço sem caráter que transgredir o código da moral ao aceitar os favores do major Vidigal para se promover nos cargos públicos. Conforme a *Dialética da Malandragem* a personagem é considerado malandro, e não se enquadra totalmente a herói ou anti-herói.

As memórias é o carro chefe que faz frente a uma vertente na novelística brasileira, e Cândido afirma tal fato ao dizer que Leonardo é o primeiro malandro na literatura local. O referido autor define o que é o malandro, esclarece e reafirma o que já havia sido citado neste artigo: “O malandro, como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo do aventureiro astucioso, comum a todos os folclores” (1970, p. 71). Aquele sujeito que é esperto possui habilidades para safar de situações, em alguns momentos faz improvisado e o mais marcante, foge sempre do trabalho, traço bastante significativo na personalidade do protagonista.

Leonardo, o Primeiro Malandro da Literatura Brasileira

Manuel Antônio de Almeida, com o personagem Leonardo, na obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, cria o primeiro malandro da literatura brasileira. Visto que, para o malandro o que importa é a sobrevivência, é um tipo individualizado que possui um modo próprio de falar, andar e vestir-se, consegue perfeitamente adaptar-se a sociedade, pois afinal pode ser um retrato dela, reage de acordo com o que é imposto e pelos impulsos dos momentos. A personagem que ficou conhecida como malandro, sempre se ajeita de um lado e de outro e consegue com isso resolver problemas, sempre usando a sua malandragem, o que tornou possível o reconhecimento a nível nacional.

Ainda não se havia falado de um personagem como o Leonardo, que com suas travessuras ainda quando criança e sua esperteza com o passar do tempo tornar-se o primeiro

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

malandro. Com características de uma figura popular, o malandro apresenta traços e estereótipos como: vagabundagem, esperteza, preguiça, sensualidade (mulherengo), indisciplina, inteligência, simpatia entre outras, isso faz com que ganhe espaço e se encaixe como o primeiro malandro brasileiro.

Antônio Cândido rejeita em seu estudo a possibilidade de Leonardo ser considerado um pícaro embora possua algumas características semelhantes, então o personagem é considerado por ele como: “O primeiro e grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil” (CANDIDO, 1970, p. 71).

O malandro adapta-se tão bem, ao ponto de ser reconhecido como personagem nacional, pois transferiu-se das ruas para a ficção. A malandragem brasileira é um traço peculiar da forma de ser nacional expressa em gestualidades diversas como o “jeitinho”, a safadeza e a ascensão social com pouco esforço.

Ligado ao vocábulo malandro está o termo malandragem, com um sentido semântico negativo, que significa o ato, a qualidade ou o modo de vida daquele que a pratica. A carga negativa advém do fato de estar embutido no seu conceito a lesão ou danos a terceiros. O ato de malandragem supõe um sujeito (o malandro) que o pratica e um paciente que o sofre (a vítima ou o otário, dependendo do caso). O engano, a trapaça e o prejuízo são os motores mais comuns de uma ação malandra. (BOTOSO, p 128, 2011)

Para Matos (1982, p. 55) apud Botoso (2011, p. 129):

O próprio malandro é um ser da fronteira, da margem. [...] Ele não se pode classificar nem como operário bem comportado, nem como criminoso comum: não é honesto, mas também não é ladrão, é malandro. Sua mobilidade é permanente, dela depende para escapar, ainda que passageiramente, às pressões do sistema. [...] A poética da malandragem é, acima de tudo, uma poética da fronteira, da carnavalização, da ambiguidade.

O Malandro é um ser individualista que tem como objetivo sua ascensão na sociedade, não pelo trabalho é sim pela astúcia, no seu mundo o que conta é a voz, o sentimento é a improvisação. O Malandro é um personagem múltiplo, pois ao mesmo tempo

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

em que não é um trabalhador comportado, também não é um marginal, não pertence ao mundo da ordem é nem da desordem, é visto como esperto, porém escorregadio.

A figura do malandro reforça a ideia do brasileiro como maleável, com jogo de cintura para solucionar os impasses que surgem. Ambos têm o ‘jeitinho’ para resolver os problemas. Essa malandragem é um conjunto de artimanhas utilizadas para obter vantagem para seu benefício, e para conseguir ele engana sua vítima sem que ela perceba. Portanto para o sucesso da malandragem utiliza-se do carisma, destreza, lábia e sutileza, honestidade não faz parte do seu caráter. O malandro está em busca do seu sucesso e felicidade, e sua ética consiste na lógica do seu prazer.

O personagem malandro adapta tão bem na sociedade por falta de um padrão, por falta de um modelo de herói para seguir, com isso, surge o espaço para o anti-herói, no caso o malandro. Então pode-se dizer que o malandro é a paródia do herói, sendo um herói carnalizado, que transita entre o ‘jeitinho’ e os arranjos pessoais.

A inversão de valores, as múltiplas éticas ou a falta de ética é presente na sociedade brasileira, por conta dessas características em comum, Leonardo adapta-se a essa sociedade, sendo até conhecido como personagem nacional, essa figura tão presente conseguiu instaurar uma nova vertente na literatura brasileira: o romance malandro.

Não é fácil demarcar o campo do malandro. Se de um lado há um mundo da Ordem, regido por regras e leis que valem para todos, do outro, há um mundo individualizado de cada pessoa. As fronteiras do mundo da malandragem são bastante tênues, de um lado existe a malandragem socialmente aceita, vista como esperteza e vivacidade, de outro, há um ponto mais pesado quando o malandro deixa de viver do jeito e do expediente para viver de golpes, transformando-se em marginal ou bandido, que não é o caso do Leonardo.

Considerações Finais

O breve estudo cujo objetivo visou à compreensão da figura do malandro na personagem Leonardo, tencionando o melhor entendimento e relevância do malandro para a literatura nacional. A personagem principal de Manuel Antônio de Almeida foi o precursor nessa vertente da malandragem, independente das influências do autor, a obra rica em detalhes como a astúcia, vadiagem e a libertinagem, com uma perspectiva diferente dos romances da época contribuiu de fato para obras posteriores que apresentam a figura do

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

malandro, como Macunaíma, (1938) de Mário de Andrade; O Cortiço, (1890) de Aluísio de Azevedo. Em Jorge Amado temos essas figuras, como o Vadinho, de Dona Flor e seus Dois Maridos (1966) e Quincas (Joaquim), em Morte de Quincas Berro d'Água (1961), entre outros.

Podemos perceber que Manuel de Almeida instaura uma nova forma de escrita, que rompe com os padrões portugueses e europeus de linguagem e de forma dos romances romântico e histórico. Rompe a tensão bem x mal, herói x vilão, típica do Romantismo. Os personagens não são heróis nem vilões, praticam o bem e o mal sendo impulsionados pelas necessidades de sobrevivência. Portanto, Almeida faz um nivelamento de classes sociais quando põe em cena como a personagem principal um malandro em uma sociedade (des) organizada, no sentido que não segue os padrões recorrentes da época, sendo a classe mais baixa prevalecida na obra.

Memórias de um sargento de milícias tem se perpetuado como uma grande obra da literatura brasileira, suas discussões possibilitaram às novas gerações o conhecimento da opinião dos contemporâneos de Manuel Antônio de Almeida e ainda, permitem novas reflexões sobre a estética da mesma. Por ser uma obra deslocada de seu tempo, despertou interesse de inúmeros críticos, que se divergem suas análises.

Como dito antes, em *Memórias de um sargento de milícias*, surge no cenário literário brasileiro à figura do malandro, a semelhança com a realidade e o modo que Leonardo é caracterizado com o seu 'jeitinho' de solucionar os impasses, remete o leitor certa proximidade e faz com que a obra ultrapasse o tempo. Por conseguinte a personagem não é herói e nem anti-herói.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. São Paulo: Klick, 1997.

ALMEIDA, Edwrigens A. R. L. de. **Crítica, poética e relações de gêneros: uma releitura de Memórias de um Sargento de Milícias**. São Paulo: Annablume, 2008.

BOTOSO, Altamir. **A recriação do pícaro na literatura brasileira: o personagem malandro**. Porto Alegre: Letrônica, v.4, n.1, jul./2011. <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7845>>

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: a representação do malandro no romance **Memórias de um sargento de milícias**.

_____. **Um estudo de três momentos significantes da picaresca clássica espanhola**. Revista Virtual de Letras, UNESP, v. 2, n. 1, 2010. <<http://www.revlet.com.br/artigos/16.pdf>>

CANDIDO, Antônio. “Dialética da Malandragem”. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, São Paulo, 1970, p. 67-89. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/pacc/literaria/malandro.html>>. Acesso em: 1. 2017.

_____. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

GONZALÉZ, Mário M. **A Saga do Anti-herói**: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados de Língua. Portuguesa S/C LTDA. Rio de Janeiro: Objetivo, 2003.

LIMA, Airaneide Carla Oliveira; LÚCIO, Josiane Dantas. Discutindo o perfil do herói Leonardo em mesa redonda com Candido, Schwarz e Adorno. In: V SEMANA DE LETRAS – LINGUAGENS E ENTRECHOQUES CULTURAIS - LÍNGUA LITERATURA E CULTURA BRASILEIRA DA UEPB, 2010, Paraíba. **Anais eletrônicos...** Paraíba: UEPB, 2010. Mesa-redonda Disponível em: <<http://entrechoques.ccha.uepb.edu.br/2010/GT.html>>. Acesso em: 03 nov. 2015.

MARTINI, Luiz Francisco Martorano. Picaresca ou malandragem em Memórias de um Sargento de Milícias. **Acta Científica da UNASP** – São Paulo, 2011.

MILHOMEM, Humberto; SANTANA, Carlos; LEMES, Elizabeth. **Literatura para Unicamp, Fuvest e Puc-SP**: análise das obras indicadas com exercícios resolvidos. Goiânia: Kelps, 2009.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A narrativa mediada e a permanência da tradição**: percurso de um anti-herói brasileiro. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 38 p. 185-212, 2011.

SILVA, Aldimeres Ferraz da. **O Pícaro espanhol na literatura brasileira**: uma polêmica em Memórias de um Sargento de Milícias. In: XII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO NORTE PIONEIRO. UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná. Jacarezinho, 2012. p. 398-408

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira** [Livro eletrônico] Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2002.

Recebido em 27/09/2017

Aprovado em 31/01/2018